

As pessoas não entendem o que a gente faz, este é o maior problema

por Arq. Iberê M. Campos

Desde que comecei a trabalhar com projetos e construções que não paro de me surpreender. E não estou me referindo às últimas sacadas dos arquitetos de renome, nem aos truques da informática ou às possibilidades que a engenharia continua ampliando. A grande surpresa vem de algo que eu jamais teria imaginado quando ainda era estudante. Estou falando do comportamento dos possíveis contratantes dos arquitetos e engenheiros. O termo “possíveis” vem justamente da constatação de que, dentre os milhões de construções que são feitas a cada ano em nosso país, só uma minoria contou com a assistência de um arquiteto ou engenheiro, nem que fosse simplesmente para “dar uma idéia”. Em algumas, apenas por uma imposição legal, existe um destes profissionais que assinaram o projeto, mas que receberam uma ninharia por isto e, na maior parte dos casos, nem sabem onde fica aquela obra. Jamais passaram nem perto dela.

A surpresa vem pela constatação da ignorância. Não há outro termo que poderia empregar aqui. Só pode ser por ignorância, por desconhecimento, que alguém investiria centenas de milhares de Reais para fazer uma edificação sem contar com uma orientação especializada.

Nos meus cursos, costumo perguntar para a classe qual é o primeiro profissional procurado por uma pessoa que vai construir ou reformar. Quem ainda não conhece a realidade do mercado responde que, claro, é um arquiteto ou engenheiro civil. Aqueles que conhecem a dura realidade das ruas sabem que, na esmagadora maioria dos casos, a pessoa que vai construir procura, na verdade, é o pedreiro. Este, de tanta importância que ganha, passa a se auto-entitular “empreiteiro”. É o empreiteiro que define o que será feito, em parceria com o proprietário do imóvel, e ambos definirão todas as características como materiais, dimensões, instalações e tudo o mais. O resultado é esse que vemos por aí, ou seja, construções inacabadas ou mal feitas, inadequadas para os propósitos para os quais foram construídas e que custaram mais caro do que seria necessário.

Porque isto acontece? Nas minhas pesquisas informais, conversando com um e com outro, acabei chegando à conclusão que é uma somatória de fatores. Para começar, o arquiteto tem fama de artigo de luxo, algo acessível só mesmo a quem tem muito di-

nheiro. Coisa de novela da TV ou de filme de Hollywood, ou então de algo digno de aparecer nas revistas especializadas em mostrar a boa vida dos famosos. Os engenheiros, por sua vez, aparecem no imaginário popular como profissionais altamente especializados, junto com os advogados e os médicos, aos quais se recorre só mesmo em situações especialíssimas, isto é, respectivamente, quando o prédio pode cair, quando podemos ser presos ou quando estamos passando mal e podemos estar doentes. Em comum, arquitetos e engenheiros têm fama de serem caros e necessários apenas nos grandes empreendimentos.

Acho que existe aí um erro de escala. Para uma pessoa que trabalhou duro durante décadas até juntar o capital necessário para construir uma casa ou reformar um apartamento, aquele capital é todo o dinheiro que tem. Investir esse capital em uma obra, sem uma orientação correta, é o mesmo que aplicar na bolsa de valores sem ter um corretor honesto que diga quais são as empresas confiáveis e quais delas estão prestes a falir. Uma verdadeira loteria.

A fama de “caro” e de coisa de “elite” destes profissionais impede a popularização do seu trabalho. Justiça seja feita, realmente existem arquitetos e engenheiros que inflam artificialmente o custo das obras ou pegam comissões indevidas com os fornecedores que, obviamente, serão lançadas na conta da pessoa que está construindo. Mas, é aquela velha história, em toda profissão existem os bons e os maus elementos. Cabe ao interessado pesquisar o passado de cada profissional e fazer uma escolha adequada.

Parece que pouca gente sabe o valor que tem a assessoria especializada numa construção. Poucos entendem que uma edificação bem projetada vai ter o tamanho justo para atender às necessidades, e se a obra for planejada corretamente vai gastar apenas e tão somente o que for necessário, nada a mais. E que a diferença que existe entre uma edificação feita corretamente e outra, feita direto com o pedreiro, seria suficiente para pagar um BOM arquiteto e um BOM engenheiro. E de sobra. Entra aqui um outro fator, típico das sociedades em desenvolvimento, que por falta de termo mais apropriado chamo de “caipirice”. Em especial dentre os novos ricos, as pessoas têm mania de querer mostrar uma imagem de que sabem tudo, que conseguem resolver os problemas. Estas, afinal de contas, não precisam mesmo de arquitetos e engenheiros. Elas podem errar sozinhas... **RC**